

(...) A essa altura, eu sabia que queria fazer faculdade (...) e que queria ficar no Brasil, pelo menos por aquele período... talvez eu pudesse ir para Israel mais tarde (...). Ainda restava algum sionismo na minha cabeça. (...) Embora minha saída do Movimento fosse algo bem resolvido, eu sai com tristeza, com uma sensação contraditória (...) me senti um pouco traidor: "optei por uma saída individual contra um saída coletiva". ... "os outros vão lutar pela redenção do povo judeu, inclusive a minha, enquanto eu vou procurar a solução mais fácil para mim." (...) e, ao mesmo tempo, eu achava que tinha feito a coisa certa. (...) Então, por um tempo eu parei de pensar tanto no povo judeu, mas ainda ficou esse pensamento, até que eu fui para Israel... (...) Interrompi um ano [da faculdade, em 1961,] fui para Israel e vi como funcionava o país. Voltei no final de 1962. A minha vida em Israel tinha me mostrado que essa questão de identidade nacional não era nada daquilo [que eu pensava antes], tirou um monte de ilusões que eu tinha. (...) Voltei bem brasileiro. (...) Entrei para a política estudantil no final de 62. [27]

Hoje, algumas pessoas que passaram pelo Dror, mas não vivem em Israel, têm dificuldades em definir uma *identidade judaica* para si próprios, por não terem outros elementos de identidade com o judaísmo como, por exemplo, a cultura iídiche ou a fé mosaica.

A identidade judaica é uma coisa muito complicada para mim. Mesmo criando os filhos como goim, os meninos sabem que são judeus... Eu nunca me preocupei em dar-lhes uma religião, ia ser hipócrita fazê-los aprender uma religião judaica quando eu mesmo não acredito. Por outro lado, se você não adere à religião não sobra nada, não tem muito mais. Um judeu não religioso o que é? Adepto da língua hebraica? - que eu não sei falar... Recentemente, eu peguei o livro do Jaime Pinsky (...). É muito bom. O livro dele mostra muito claramente que os judeus acabaram, pela assimilação à cultura ocidental do iluminismo, procurando uma identidade não-religiosa. Mas acabaram não encontrando. Agora, em Israel sim, porque lá eles têm uma nacionalidade, têm um aparelho estatal, um território, uma língua. Aí sim, faz sentido. Mas fora de Israel só faz sentido [dizer-se judeu] se for religioso, senão não sobra nada, mesmo que você queira... [13]

Era muito difícil a questão da identidade nacional para mim. Até hoje. Eu acho que nenhum judeu honesto respondeu a essa pergunta, porque não dá. Que identidade nacional é essa? O que você é? Eu acho que um judeu honesto de fato vai morar em Israel e acabou; aí ele esquece de onde ele é, isso se ele for judeu-judeu! Porque não existe essa coisa só de ser "de religião judaica". Eu não sou religiosa, não conheço nenhum judeu, não convivo com isso. (...) [o judaísmo para mim é] uma ficção, eu sou judia porque eu sou. (...) A coisa é muito confusa. Porque, no meio de brasileiros, você é judia. E no meio dos judeus, você, que não é religiosa, que não professa qualquer coisa, que não sabe iídiche, ou não tem uma família naqueles moldes sócio-econômicos, ou não morou num gueto, é uma judia *outsider*. [26]

3.4. O Movimento e a Coletividade judaica

Falar das relações entre o Dror e a coletividade judaica não é algo simples. Como já foi dito, não havia uma comunidade homogênea e coesa; determinados grupos com certas características tendiam a ver com satisfação a participação dos jovens no Dror, enquanto outros procuravam manter suas ligações com movimentos sionistas limitadas à filantropia. E mesmo famílias que aprovavam o Movimento, por vezes, discordavam da influência deste em seus próprios filhos. Em alguns casos, pais que não colocavam obstáculos à emigração de uma filha, opunham-se à *aliá* de um filho homem para quem tinham planos profissionais.

Em termos gerais, o Dror recebia ajuda financeira de membros da coletividade judaica (os *amigos do Movimento* que colaboravam voluntariamente). Além disso, era entre

as famílias, lojas e empresas judaicas que os *chaverim* encontravam anunciantes para manter suas publicações, compradores de seus bônus ou de qualquer outra coisa que inventassem vender para conseguir dinheiro, “empregadores” para os que queriam *profissionalizar-se*, hospedeiros para os militantes enviados de outra cidade, senhoras de boa vontade que colaboravam na infra-estrutura de alguns encontros juvenis, emprestadores de sítios para acampamentos. Várias pessoas que participaram do Dror nessa época afirmam, com maior ou menor ênfase, embora todas concordem, que o Movimento em si era *sim muito bem visto e bastante integrado* na coletividade judaica.

...a comunidade nos aceitava com muito amor, porque foi depois da Guerra e, eles eram sensíveis à nossa causa. O Movimento juvenil tinha muita receptividade, nós éramos “a menina dos olhos da coletividade”, um orgulho, “essa juventude maravilhosa que não se assimilou, que tem ideais, que vai para Israel, que canta canções em hebraico e que dança”. Nós, aos olhos dos nossos pais, já éramos o começo do novo judeu. Éramos muito bem tratados! Podia haver um pai ou outro [que discordava] (...) mas, não posso dizer que os pais não fossem a favor. A comunidade não só nos aceitava, como dava dinheiro e nos estimulava mesmo. (...) achavam que estava crescendo uma juventude maravilhosa. [14]

...ainda hoje a gente encontra pais de *chanichim* daquela época e conversa com eles... bons tempos aqueles em que a gente, como *madrich*, ia falar com os pais... a gente tinha uma boa entrada nas casas, inspirávamos respeito, éramos confiáveis... [29]

O Dror, por sua vez, apesar de acreditar estar participando de uma ação de vanguarda com relação ao povo judeu, tinha por princípio não se considerar um movimento sectário e exclusivista afirmando estar organicamente ligado à coletividade judaica e seus problemas;

O nosso Movimento é um movimento aberto para a rua, o sionismo realizador é um movimento profundamente popular em sua essência. Do ponto de vista educativo, a falsa consciência de pertencer a uma casta aristocrática de vanguardeiros, afasta o jovem do mundo em que vive, judaico ou não, e o empobrece e estreita. [Sigue Friesel. *Kibutz Bror Chail: história do movimento e do kibutz brasileiros*. Jerusalém. Departamento da Juventude e do Chalutz da Organização Sionista Mundial, 1956.]

Entretanto, o Movimento não estava livre da contradição inerente à ideologia pioneira³⁵, que combina, dentro dos grupos *chalutzianos*, idéias e convicções igualitárias com uma inclinação para o elitismo que favorece tendências sectárias.

Em seus primeiros quinze ou, pelo menos, dez anos de existência, o Dror era uma organização juvenil relativamente grande e importante na coletividade embora não sustentasse *com a Diáspora* - como os *chaverim* chamavam (com um certo tom de desprezo) os judeus no Brasil - um relacionamento muito “íntimo” na medida em que não estava tão preocupado com as instituições culturais que promoviam o judaísmo (em *ídiche*, português ou hebraico) aqui no país e sim pensando em Israel. Para os *chaverim*, a vida na Diáspora seria passageira, *ainda bem*. Entretanto, o Movimento costumava participar de atividades comunitárias (desfiles, festas, competições esportivas) juntamente com outros tantos grupos juvenis e instituições judaicas.

...o Dror, nos eventos da comunidade judaica, era requisitado como adorno: “- Essa é nossa juventude!” - diziam os adultos admirados e com uma sensação de tranquilidade - “- Apoiamos a nossa juventude”! [25]

Talvez a única oposição direta e explícita sofrida pelo Dror por parte de alguma

organização judaica constituída viesse dos grupos comunistas não-sionistas.

... os comunistas da Casa do Povo diziam que nós fazíamos lavagem cerebral nas crianças, consideravam-me sua inimiga (discordavam do Estado judaico, a União Soviética é que era o exemplo para eles e o sionismo era um tabu). [4]

De resto, as oposições existentes com relação à atuação Movimento entre os jovens ocorriam no plano familiar ou pessoal e não em termos de instituições comunitárias ou posturas oficiais de seus dirigentes. E diziam respeito muito mais ao fato de o Movimento *carregar os filhos para o kibutz* quando estes atingiam certa idade que a uma crítica à *ação educativa* e às atividades de integração e envolvimento de jovens judeus promovidas pelo Dror. Tanto que muitos pais que permitiram e incentivaram a participação dos filhos - naquele *ambiente judaico antiassimilacionista e que fomentava a cultura judaica* - colocavam-se contra o Dror, mais tarde, no momento da *aliá*, por diversos motivos: tristeza pela separação, temor pelos riscos envolvidos na aventura de viver em um país distante e em guerra, frustração dos planos profissionais e econômicos que haviam feito para os filhos (resistência essa que parecia ser ainda maior entre as famílias mais ricas descontentes com o fato de virem a ter filhos *camponeses*). Era comum a situação em que as famílias, que em geral sabiam dos objetivos finais do Movimento, admitissem a participação de seus filhos (pagando inclusive as taxas necessárias e contribuindo com o Dror) e alguns anos depois, no momento que estes deixariam o Brasil, se opusessem fortemente a ela.

Esta “contradição” - que existia não somente com relação aos filhos, ocorria também com os próprios adultos, que se diziam sionistas, mas não partiam eles mesmos para Israel - era desnudada pelo Movimento juvenil e provocava, por vezes, atrito entre os *chaverim* e membros da coletividade.

... quando eu cheguei a Porto Alegre como shliach (um dos primeiros e, naturalmente, me sentia muito orgulhoso), chegava a Porto Alegre o primeiro navio israelense, com bandeira e tudo... e houve uma grande recepção para seus tripulantes por parte da coletividade judaica da qual eu participei como representante do Dror... Lá, cansei do blá, blá, blá dos discursos e dei minha opinião sobre o que eu achava ser de fato o sionismo... deu uma confusão!... e as pessoas se dividiram entre as que me apoiavam e as que me desaprovavam (eu havia criticado as próprias mesas bonitas da recepção... disse que sionismo era pegar as malas ou deixar que pelo menos os filhos fossem para Israel...). Em Porto Alegre, eu tinha uma grande dificuldade no trabalho com as famílias, porque lá elas aceitavam Israel, contanto que não tocássemos nos estudos de seus filhos. Israel para eles era apenas a alegria de saber que existia um Estado judeu, estavam dispostos a ajudar com contribuições, mas diziam “nos deixem em paz” quando se tocava nesse ponto e se exigia algo diferente... e nós, em nosso entusiasmo de jovens, achávamos que a nossa era a revolução. [19]

Nem os membros do Poalei Tsion, o partido que apoiava o Dror no Brasil, eram poupados das críticas dos *chaverim*: *o Poalei Sion é contraditório, só será sionista se promover a aliá, só será socialista se viver de acordo com o que prega e apoiar totalmente o movimento chalutziano*³⁶. O apoio recebido não era algo considerado muito importante pelos jovens do Movimento, especialmente em São Paulo. Apesar do dinheiro que o Poalei Tsion enviava ao Dror e da *cobertura política* (uma espécie de apoio moral), os laços entre ambos não eram muito estreitos e, nas palavras de diversos ex-*chaverim*, o partido não era capaz de influenciar os rumos do Movimento, *o Dror era autônomo, sem nenhuma influência maior dos “adultos”*.³⁷

Eu sei é que lá no “nosso partido” haviam uns “velhinhos”, que falavam iídiche, e que eram [risos] os “nossos adultos”, que nos protegiam, que nos davam dinheiro e em quem, em troca, nós votávamos nas disputas da Federação Israelita Paulista (os mais velhos de nós tinham direito a voto e nós votávamos na chapa do Poalei Tsion ou na chapa que ele recomendava). (...) isso era muito pouco importante para nós (...) O partido devia ser apenas umas 30, 40 pessoas em São Paulo, viviam muito no passado, viviam de suas memórias, deveriam ter ido pra Israel, mas por alguma razão não foram, acabaram ficando aqui, então, digamos, sua principal razão de ser, realmente, era o Dror, que representava um futuro. [13]

O apoio que os *chaverim* recebiam de membros do Poalei Tsion ou das Pioneiras chegava a ser, por vezes, quase uma proteção paternal (alguns *chaverim*, inclusive, eram parentes de membros dessas organizações) mesclada com a preocupação de que os *impetuosos jovens* não fizessem *bobagens*, atraindo a atenção das autoridades brasileiras para o Movimento sionista - o medo da repressão política no Brasil ainda era grande, mesmo num período dito democrático, os judeus não precisavam de muito para sentirem-se acuados.

Em dois episódios, a atuação dos *adultos* que apoiavam mais diretamente o Movimento, como esses do Partido, foi considerada realmente importante.

Um deles: quando um rapaz, vítima de um acidente, morreu afogado em um acampamentos do Dror, os *chaverim*, bastante abalados, apelaram para que estes *adultos* fossem explicar o ocorrido à família do garoto.

O outro: quando o Dror teve problemas com o DOPS que investigava seu envolvimento com a Aliat Hanoar (uma instituição sionista, atuante em vários países do mundo, que procurar levar jovens judeus órfãos, desajustados ou com problemas familiares para Israel) então sob suspeita de induzir, ou mesmo forçar, a emigração de menores. Como afirmaram *ex-chaverim*, de fato, o Dror não tinha nenhuma ligação maior com a Aliat Hanoar a não ser uma grande simpatia por suas atividades e uma colaboração lateral; por vezes, um enviado de Israel para ajudar o Movimento juvenil também tratava de assuntos da Aliat Hanoar, ou um *chaver* viajando em *aliá* aproveitava para coordenar e acompanhar os jovens emigrantes por esta instituição. Entretanto, como a ação da polícia foi interpretada como uma ameaça não só a estas duas organizações, mas também às atividades sionistas em geral e à segurança dos judeus no Brasil, os *adultos* apressaram-se em abafar o caso - quando alguns *chaverim* dirigentes do Dror começaram a ser chamados para interrogatório e a sede do Dror foi visitada algumas vezes por autoridades policiais - e o processo não teve maiores conseqüências.³⁸

Eu (o Maskir, naquela época) fui a primeira pessoa do Movimento a ser procurada pelo DOPS mais ou menos em 1957, 58 (...) [para responder] sobre a Aliat Hanoar. (...) e isso foi um bafafá em toda a direção sionista, os “velhos” ficaram assustadíssimos! A Organização Sionista daqui ficou assustadíssima (...) eles pensaram que já haveria uma onda de anti-semitismo e pogroms aqui no Brasil! (...) O interrogatório de madrugada no DOPS foi bem difícil! (Eu não desejo a ninguém uma sensação como essa que tive.) Eles me fizeram, durante quase duas horas, um interrogatório pesado... (...) [constrangedor]... sem advogado... um quarto meio escuro, uma pessoa batendo à máquina e outra pessoa lá te olhando feio e, de repente, te trazem um material que você nunca poderia imaginar que estava nas mãos da polícia: revistas do Dror e do Hashomer Hatzair, revistas antiquíssimas... marcaram para três dias depois outro interrogatório também tarde da noite... Enfim, houve todo um bafafá e [os “adultos”] tiveram que procurar pessoas de dentro do DOPS com muito dinheiro para saber o que é que estava se passando e tudo o mais... Agora eu estou tentando me lembrar... quando eu saí de lá eu já estava vendo aquilo tudo de forma quase cômica ou

tragicômica [risos]. A comicidade vinha dos velhos sionistas, dos dirigentes da Unificada Sionista - que era a dirigência sionista adulta (os Camerini, os Corinaldi, todos aqueles grandes líderes comunitários) (...) eles ficaram muito preocupados... e eu tive que sair do DOPS, pegar um bonde, descer do bonde, pegar um táxi, descer do táxi, pegar outro bonde, pegar outro táxi até chegar na casa deles, para despistar, evitar qualquer possibilidade de ser seguido, e contar tudo o que tinha acontecido. (...) (O ponto socialista foi muito pouco tocado no interrogatório, foi mais tocado o ponto sionista: "- Escuta, vocês obrigam as pessoas saírem do país? Vocês são uma seita que pegam as pessoas e as mandam para fora do país?". Eles insistiam muito mais nisso do que no fato de a gente ser socialista ou algo do tipo.) (...) Depois desse, teve mais um outro interrogatório, mas aí então eu sabia que a Unificada já tinha se preocupado com pessoas de dentro do DOPS (provavelmente passaram bastante dinheiro) e souberam delas que o assunto não teria muita consequência (...). [19]

Com o passar do tempo, o Dror, que encontrava cada vez menos apoio moral e material na coletividade pelo que ele era de fato - um movimento político sionista socialista com objetivos claros de conduzir jovens a Israel -, reforçou suas críticas ao *Ishuv* (*apático, descrente, contraditório, burguês*) e seu distanciamento com relação a ele, embora afirmasse empreender esforços para *salvá-lo: somos uma minoria que enxerga adiante da massa a qual pretende atingir*.³⁹

O diálogo de dois *ex-chaverim* é revelador das tensões e ambigüidades presentes nas relações entre boa parte da coletividade judaica e o Movimento juvenil já de meados para o fim dos anos 50:

-... muitas vezes, eu saía de São Paulo e voltava depois de quinze dias (ia, por exemplo, para as cidades do Vale do Paraíba), ia a todas as lojas e lojinhas de judeus e pedia contribuição explicando que eu era do Movimento... E eles contribuíam. E eu entregava um recibinho. (...) Algumas pessoas compravam, outras me davam um "pé na bunda" dizendo: "- Estou ocupado ...". Tinha de tudo... nem todos eram amigáveis.

- ...mas muitas vezes eles eram simpáticos a um Movimento de jovens voltados para o judaísmo, preocupados com o Estado de Israel, e que de certa forma dava legitimidade à vida dos judeus na Diáspora; todo mundo achava que, havendo o Estado de Israel, os judeus do mundo todo se sentiriam melhor e seriam mais bem tratados, então, de certa forma, nós éramos a "bucha de canhão", nós éramos os caras que iríamos fazer "o trabalho pesado" por eles... Nem precisávamos explicar isso para os donos das lojinhas, era óbvio, os judeus do mundo inteiro sabiam. Mas, mesmo assim, a gente dava um malho nessa direção.

- ...mas eles tinham um problema com relação à gente: o medo, "- Eu não quero que esse cara chegue perto do meu filho, ele vai obrigá-lo a largar a faculdade e fazer a aliá.". Muita gente dava grana para a gente, desde que a gente fosse embora.

- ...em alguns casos ficavam aliviados quando a gente dizia que só ia fazer campanhas, porque achavam que a gente estava atrás os filhos deles... O cara vinha da Europa, botava todos os sonhos no filho formado e de repente, na hora que ele tem condições de formar o filho, vem um bando e tira o filho dele da faculdade!!... Você conhece a história clássica da pergunta à mãe judia que tem bebês gêmeos: "- Qual é o Moisés e qual é o Jacó?", e ela responde: "- O engenheiro é o Moisés, e o médico é o Jacó".

[27 e 31]

Por tudo o que foi dito, portanto, parece justificável evitarmos aqui o simplismo equivocado de classificar a relação entre os jovens do Movimento e a coletividade judaica, especialmente os adultos da *Diáspora*, como sendo de oposição, de atrito ou de convivência harmônica. O melhor, nesse caso, é contextualizarmos essas relações, complementando as observações acima com mais algumas sobre a idéia que o Movimento tinha de *família*, ou melhor da família da qual provinham os jovens - o que acabava influenciando nesse relacionamento - e certas experiências dos *chaverim* em lidar com familiares seus ou de outros

jovens.

3.5. O Movimento e a Família

Com poucas exceções (...) a família em geral era “um saco”; a família de origem, pai, mãe, etc. eram “repressores” (porque antes de estar no movimento sionista, antes de ser socialista, a gente era adolescente, e, para adolescente, a família é um saco mesmo. Pai é um saco, não é? É repressor. Mãe também, não é? É. É óbvio. Com certeza. Eu via isso). Nosso relacionamento com a família era essa coisa que qualquer pai, qualquer mãe, hoje ou sempre, reclama: a casa era uma pensão; você entrava, tomava banho e saía - como um adolescente usa a casa hoje, como a gente usava na época, só que ao invés de ser um adolescente clássico ou de hoje, era um adolescente que ia para o Dror, porque era lá o seu espaço. [26]

Parece não haver mais muita discussão entre os estudiosos sobre a idéia de a juventude na sociedade de classes ser um período propício à *remodelação de valores e idéias e de exploração da relação de cada um com o mundo quando o jovem pode explorar, dentro de parâmetros de sua situação imediata de classe, certos elementos da identidade obtida versus a identidade atribuída*⁴⁰ sendo que muitos trabalhos sociológicos e antropológicos já foram dedicados ao estudo da *continuidade/descontinuidade de valores intergeracionais*⁴¹. Entretanto, antes que se dê *uma importância excessiva à categoria de idade como origem das diferenças de perspectiva entre uma geração e outra*⁴², é preciso levar em consideração as especificidades do grupo juvenil analisado, incluindo a historicidade de suas práticas.

De certo modo, a “oposição à família de origem” e o “estímulo ao conflito de gerações” eram características componentes de um movimento juvenil como o Dror (com todas as ressalvas apresentadas no capítulo II). Mas não basta constatar que o Movimento criava entre os jovens uma determinada oposição à família de origem ao proporcionar espaços para o desenvolvimento de modos de pensar e parâmetros de comportamento específicos de tais jovens. É preciso dizer como e por quê.

Alguns pontos que compõe o quadro de como a família era pensada no Movimento juvenil já foram discutidos nesse trabalho: a família judaica da Diáspora, por ser pequeno burguesa, trava os ideais do movimento revolucionário e não condiz com a idéia socialista que propõe novas relações familiares.

A oposição à família de origem tal qual aparece no Dror é, de certa forma, comum a outros movimentos juvenis que procuram criar um *esprit de corps*, forjando uma consciência de grupo voltado para algum modelo de reformulação da sociedade⁴³. A ideologia do Dror acenava com *interesses superiores* (o futuro do povo judeu e a sociedade de justiça social) que justificariam um combate e até um rompimento com a autoridade familiar caso necessário.

Além disso, em termos mais simbólicos, a construção do *novo homem* - expressão que aparece com diferentes significados em diversos movimentos revolucionários - explica a oposição ao que é visto como “velho”, “ultrapassado”. Assim, a proposta de construção de uma nova sociedade parte do princípio que se faz críticas à existente. A família de origem seria parte desta, portanto sujeita à contestação de seus filhos revolucionários.

É preciso lembrar também que os *chaverim* brasileiros bebiam na fonte dos pioneiros da segunda *aliá*, jovens que, em grande parte, haviam tido *dissensões com seu background judaico tradicional*, o *background* paterno da Diáspora, para poderem estabelecer na Palestina sua nova sociedade⁴⁴. E mais, que a oposição ao *background* familiar é uma tradição